

# Rotina de paus, pedras e vaias

DANIELA SCHUBNEL

Na trajetória presidencial do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, paus e pedras — assim como ovos e vaias — não são o fim, mas o começo do caminho. Eleito com 34.376.367 votos, 54,3% do eleitorado brasileiro, ele completa seu quinto mês de governo amargando nove manifestações, muitas vezes violentas, de militantes de oposição, sindicalistas, estudantes e até agentes sanitários. Motivo principal: as propostas de reforma constitucional.



cerca de 500 manifestantes enfrentaram a tropa de choque do Exército em plena Candelária, Centro do Rio.

Era a segunda viagem presidencial ao Rio — a primeira foi em janeiro, quando a reforma ainda engatinhava e Fernando Henrique desfilou pela favela de Vigário Geral (palco de uma chacinha) e pela Biblioteca Nacional, na Cinelândia, sem sofrer um arranhão. No confronto de março, que durou 30 minutos, foram usados de cassetetes a bombas de gás lacrimogêneo e cinco pessoas ficaram feridas, entre elas o fotógrafo do **JORNAL DO BRASIL** Michel Filho, atingido no peito por uma bomba de gás. Neste dia, os *inimigos* do presidente eram CUT, PT, PC do B e PSTU.

Os manifestantes não esperaram outra viagem para gritar contra as reformas, reunindo em Brasília cerca de 10 mil pessoas, segundo a Polícia Militar do Distrito Federal, no dia 22 de março. Organizado pela Central de Movimentos Populares, a manifestação teve passeata na Praça dos Três Poderes, discurso de Lula e até audiência de seus representantes com o presidente, no Palácio do Planalto. Pouco depois, o governador do DF, Cristóvam Buarque (PT), reconheceu ter dado apoio aos manifestantes.

Dois dias depois, ao chegar em Fortaleza, por pouco a visita não acabou em tragédia na praça

em frente ao Teatro José de Alencar, onde manifestantes do Sindicato dos Metalúrgicos e da União das Mulheres do Ceará promoveram um grande empurra-empurra. Logo depois, em Manaus, os protestos também foram liderados pela CUT, com participação do PSTU e do PC do B.

Fernando Henrique enfrentou mais violência em Recife, no dia 7 de abril, quando cerca de duas mil pessoas (pelo cálculo da polícia), reunidas pela CUT, Fetape, UEE, PSTU e MR-8, atiravam pedras e ovos no ônibus presidencial, que saía do Palácio das Princesas. Foram 20 minutos de conflito, 11 PMs feridos, dois manifestantes presos e um carapintada dentro do Rio Capiberibe.

Nem as comemorações pela Inconfidência Mineira, em 21 de abril, seguraram os manifestantes da CUT e da CGT em Ouro Preto (MG), que, se não contou com a presença do presidente, reuniu boa parte de seu Ministério: Sérgio Motta, José Serra, Clóvis Carvalho, Gustavo Krause e José Eduardo Andrade Vieira, além dos governadores tucanos Marcello Alencar e Eduardo Azeredo — todos vaiados pelos milhares de manifestantes que se concentravam na Praça Tiradentes. Serra e Fernando Henrique foram comparados ao traidor da Inconfidência, Joaquim Silvério dos Reis.

Os protestos de Campina Grande (PB), Natal e Xingó (AL), ocorridos no fim da semana passada, são apenas filhotes dos que começaram ainda no primeiro trimestre de governo, quando, impulsionados pelos gritos contra as reformas, ovos, tomates, vaias, paus, pedras e toda a sorte de palavras de ordem passaram a fazer parte de qualquer viagem presidencial.

O Rio — cuja crise de segurança fez voltar ao repertório dos políticos a expressão *caixa de ressonância nacional* — foi palco da primeira grande manifestação. As negociações para as reformas começavam a esquentar no Congresso quando, em 17 de março,